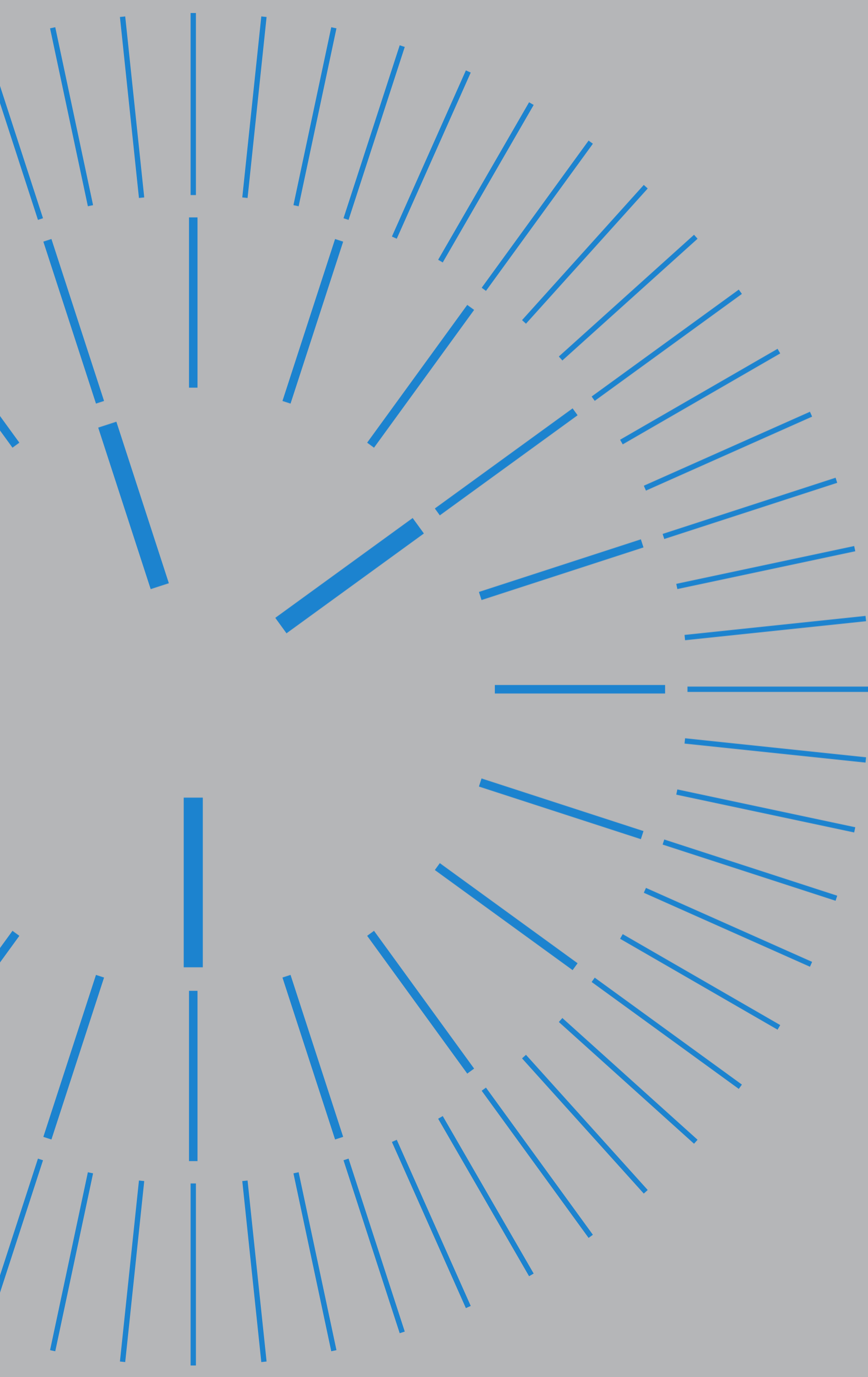


# PORTO DESIGN BIENNALE 2019



Titulo  
Title

# Y — Desenhar Portugal

Data  
Date

22.11.2019  
23.02.2020

Local  
Venue

Galeria Municipal  
de Matosinhos

Curadores  
Curators

Francisco Providência  
Joana Quental  
Rui Costa

Uma iniciativa  
An initiative

PORTO  
DESIGN  
BIENNALE  
2019

Promovido por  
Promoted by

Porto.

matosinhos

Organizado por  
Organized by

esad—idea

Local  
Venue

GALERIA MUNICIPAL

Mais informações  
More info

portodesignbiennale.pt

A exposição Y, Desenhar Portugal

O projeto “Escolas” parte da convicção de que as escolas (de design) são laboratórios e observatórios existenciais, focados na tecnologia, na sociologia e na estética do Design.

Quase no encerramento da Porto Design Biennale, em novembro de 2019, a exposição *Y, Desenhar Portugal* (mas também a Europa e o Mundo) abre o debate sobre o ensino do Design, num tempo de perplexidade e tão grande heterogeneidade cultural.

Convidando as 35 escolas de design portuguesas — públicas e privadas, de ensino politécnico e universitário, continentais e insulares, com formação nos três ciclos de estudo —, a participarem numa mostra crítica do design que se fez nos últimos três anos, esta exposição divide-se em dois registos:

- Autorrepresentação das escolas: exibição não filtrada dos 142 projetos recebidos;
- Representação curatorial da exposição: seleção taxonómica de 60 projetos ilustrativos.

O conjunto dos 60 projetos constitui uma sinopse do pensamento em Design, revelando a pertinência e contributo de cada uma das escolas aqui representadas pelos seus alunos e professores, ilustrando as preocupações da geração “Y” (do novo milénio), mas também da ontologia do próprio Design que, tal como o desenho, se funda na convergência entre um desenhador (**autor** singular ou coletivo), um meio de produção (**tecnologia**) e um desejo ou propósito (**programa**).

Estes três agentes, como ramos de uma árvore, subdividem-se para a periferia da contemporaneidade, formando uma copa de desdobramentos em espécie e número, dando uma visão da complexidade e extensão da parceria do Design com todas as áreas de atividade humana. É essa visão que desejamos aqui mostrar, não para que equacionemos inverter a sua evolução, mas para que vendo a relatividade de cada nova taxonomia, não percamos de vista a sua genealogia e articulação com o todo.

As escolas constituem, talvez, o maior e mais fecundo recurso crítico de investigação e desenvolvimento em Design, conciliando-o com a realidade de cada território e cultura. Tem sido, por isso, sobretudo nas escolas e pelas escolas, que tem passado a produção de conhecimento em Design, de que esta bienal será demonstrativa: a Porto Design Biennale também nasceu numa escola.

Como sabemos, a comunidade das escolas reúne grupos muito diferentes: os alunos que são a emergência viva da sociedade; os professores que aprendem com eles; e as organizações que os acolherão, integrando-os na comunidade social e económica.

É por isso que, nas escolas, mais se sentem as tensões do novo milénio. É por isso que, nas escolas, melhor se sente o pulsar do significado de Design, polarizado nos focos da tecnologia, da sociologia e da estética:

- Na tecnologia, domínio onde emergem os novos materiais e técnicas com vista a uma melhor gestão de recursos para a sustentabilidade, da circularidade da economia e da aprendizagem com a natureza, traduzida no bio-mimetismo;
- Na sociologia, elegendo o utilizador como destinatário do artificial, considerado sob a dupla perspetiva de gestão do mercado (*marketing*) e de intervenção social (ativismo), assumindo uma evidência política e ambiental, indiferente à cultura do design;
- Na cultura, reconhecendo os objetos como finalidade em si mesmos (estéticos), mas não prescindindo da função simbólica e metafórica com que questionam o mundo, assim propondo novos significados de antecipação do futuro.

Sob estes três focos, as escolas de design apresentam neste novo milénio diferentes respostas à crise social, económica e cultural, reafirmando o Design como disciplina, ou cada vez mais como in-disciplina, num esforço coletivo para desenho do futuro.

Falar de Design é falar do artificial. Falar de Design do futuro é falar do design no presente — o futuro não é senão a projeção do presente. Devemos construir o futuro para que não sejamos nem surpreendidos, nem atropelados por ele. Por isso o Design tem, deverá ter, uma função antecipatória e estratégica (como o seu significado etimológico implica).

Essa “função antecipatória e estratégica” talvez remonte às nossas origens humanas, recorrendo à representação, à antecipação e criação de cenários, como forma de superar o presente na esperança de um melhor futuro, ainda que, quase sempre, ultrapassado pela realidade.

O que mais caracteriza o Design contemporâneo, sobretudo quando o comparamos com o design

Francisco Providência, Joana Quental, Rui Costa

Comissários da exposição, investigadores do ID+ e docentes na UA

dos meados do século XX da escola de Ulm, ou antes dele com o design da Bauhaus (1919-2019), cujo centenário celebramos, é a sua incomparável complexidade e extensão.

O Design já não se inscreve no reduzido espartilho da comunicação, do ambiente e do produto industrial, nem se operacionaliza meramente centrado na otimização da forma, destinada a um certo desempenho prático ou simbólico.

Hoje, e cada vez mais no futuro, o Design será mais detalhado, mais preciso e mais complexo, isto é, envolvendo mais competências internas e externas, mas também mais rigoroso no seu foco de especialidade, abrangendo um larguíssimo espetro que vai da moda à comida, da gestão ao *software*, da ourivesaria à genética, da informação à inovação social, do artesanato à biónica.

Se percebemos na passagem do século XIX para o XX, um Design centrado na indústria (de bens transacionáveis), e a meados do século XX no valor da marca (como fator de comunicação e condicionamento percetivo do consumidor), na passagem para o século XXI vemo-lo mais empenhado com o seu papel social (no desenho de serviços).

Esta nova era do Design de serviços decorre também da universal acessibilidade tecnológica à informática e às redes digitais de comunicação global. O Design hoje, e no futuro, estará cada vez mais associado à desmaterialização digital, por exemplo criando novos dispositivos concentradores de equipamentos, como o *smartphone*.

Mas o Design enquanto mediador cultural também tem percebido o seu papel social na necessária responsabilidade de inverter o processo de insustentabilidade ambiental, social, económica e cultural que noutros tempos ajudou a criar. O design tem sido convocado a inventar novos produtos, assim alimentando a circularidade da economia, mas também desenhando produtos menos poluentes, duráveis e acessíveis. De modo geral toda a representação social e em particular as representações do género ou de supremacias étnicas, têm constituído instrumento de diferenciação, indesejável desigualdade e exclusão social, que o design tem combatido em nome da humanidade e da democracia, reclamando uma consciência política e social que nenhum cidadão poderá ignorar.

The Y, Designing Portugal exhibition

The “Schools” project is based on the conviction that (design) schools are existential laboratories and observatories, focused on technology, sociology and the aesthetics of Design.

Almost at the end of Porto Design Biennale, in November 2019, the exhibition *Y, Designing Portugal* (but also Europe and the world) opens the debate on the teaching of Design, at a time of great perplexity and cultural heterogeneity.

Inviting the 35 Portuguese design schools – public and private, Polytechnics and Universities, in mainland Portugal and the islands, with training in three stages of study – to participate in design critique shows over the past three years, this exhibition is split into two registers:

- Self-representation of schools: an unfiltered exhibition of 142 projects received;
- Curatorial representation of the exhibition: taxonomic selection of 60 illustrative projects.

The set of 60 projects is a synopsis of thinking in Design, revealing the relevance and contribution of each of the schools represented here by its students and teachers, illustrating the concerns of generation “Y” (of the new millennium), but also of the ontology of Design itself which, as with drawing, is based on the convergence between a designer (a singular or collective **author**), a means of production (**technology**) and a desire or purpose (**Brief**).

These three agents, like the branches of a tree, are subdivided into the periphery of contemporaneity, forming a ‘canopy’ that unfolds in type and number, giving an overview of the complexity and extension of the partnership of Design with all areas of human activity. It is this vision that we want to show here, not to consider reversing its evolution, but by seeing the relativity of each new taxonomy, we do not lose sight of their genealogy and articulation with the whole.

Schools are, perhaps, the biggest and most fertile critical resource for research and development in Design, combining it with the reality of each territory and culture. It has, therefore, been mainly in schools and by schools, that production of knowledge in Design has been passed on, as this biennale will demonstrate: the Porto Design Biennale also began in a school.

As we know, the community of schools brings together very different groups: Students who are the living emergence of society; the teachers who learn alongside them; and the organisations that welcome them, integrating them into the social and economic community.

That is why it is in schools that you most feel the tensions of the new millennium.

That is why it is in schools that you better feel the heartbeat of the meaning of Design, polarised in the areas of technology, sociology and aesthetics:

- In the field of technology where new materials and techniques are emerging with a view to improving management of resources for sustainability, the circularity of the economy and learning from nature, translated into biomimicry.
- In sociology, choosing the user as recipient of the artificial, considered from the dual perspective of market management (marketing) and social intervention (activism), assuming a political and environmental evidence, that is indifferent to design culture.
- In culture, recognising the objects as a

purpose in themselves (aesthetics), but not disregarding the metaphorical and symbolic function with which they question the world, thus proposing new meanings of anticipation of the future.

In these three areas, schools of design in this new millennium have different responses to the social, economic and cultural crisis, and reaffirm Design as a discipline, or increasingly as un-discipline, in a collective effort to design for the future.

Speaking of Design is to speak about the artificial. Speaking of Design of the future is to speak of design in the present – the future is nothing more than a projection of the present. We must build the future so that we are neither surprised nor run over by it. Therefore, Design has, or should have, an anticipatory and strategic role (as its etymological meaning implies).

This “anticipatory and strategic role” perhaps goes back to our human origins, using representation, the anticipation and the creation of scenarios, as a way of overcoming the present in the hope of a better future, even that, almost always, overtaken by reality.

What most characterises contemporary design, especially when compared with the design of the mid 20th century of the Ulm school, or Bauhaus (1919-2019) before it, and whose centenary we are celebrating, is its unparalleled complexity and extension.

Design is not tied up with the reduced definition of communication, the environment and industrial products, nor is it merely focused on optimising form, aimed at a certain practical and symbolic performance.

Nowadays, and increasingly into the future, Design will be more detailed, more accurate and more complex, which is to say, involving more internal and external powers, but also more stringent in its skill focus, covering a very broad spectrum ranging from fashion to food, management software, jewellery to genetics, from information to social innovation, crafts to bionics.

If, in the transition from the 19th century to the 20th century, we perceive design that is focused on industry (of tradeable goods), and in the mid 20th century on brand value (as a factor of communication and conditioning of consumer perception), in the transition to the 21st century we see it more engaged its social role (in the design of services).

This new era of service Design also derives from universal technological access to information technology and digital global communication networks. The Design of today and in the future, will be increasingly associated with the digital dematerialisation, for example by creating new devices that are equipment hubs, like the smartphone.

But Design as a cultural mediator has also seen its social role in the required responsibility to reverse the process of unsustainable environmental, social, economic and cultural development that in previous times it helped to create. Design has been called upon to invent new products, thus feeding the circular economy, but also to design less polluting, durable and affordable products. Overall all social representation and particularly the representations of gender or ethnic supremacies, have been an instrument of differentiation, undesirable inequality and social exclusion, which design has fought against on behalf of humanity and democracy, proclaiming a political and social awareness that no citizen can ignore.







